

O MITO NO CORPO, NA TERRA, NA PLANTA: REFLEXÕES ACERCA DOS POSSEIROS DO VALE DO PINDARÉ-MIRIM

Eliane Sebelka Rapchan *

A terra se apresenta como elemento fundamental para a reprodução camponesa, no sentido mais amplo que esse termo possa alcançar.

E a reprodução camponesa não é apenas a reprodução de força de trabalho como ocorre com o trabalho proletariado e expropriado de todos os meios de produção, que se oferece no mercado de trabalho em troca de um salário. A reprodução camponesa é a reprodução de todo um modo de vida, de uma lógica passada dos pais a seus filhos. Implica uma concepção de mundo, de espaço e de tempo diversos daqueles que não vivem da terra e na terra.

A terra organiza o espaço e o tempo tanto objetivados quanto interiorizados. Reproduz a vida biológica e a vida socio-político-cultural do grupo. Através dela se relembra o passado, se faz o presente e se sonha o futuro.

A paixão destas pessoas pela terra também despertou a minha própria paixão. Paixão de quem vê num modo próprio de vida, como é o dos homens da terra, não só um mundo organizado com uma lógica refinada e rica; o que já é bastante importante, mas também vê nessas pessoas o desejo de sobreviver e viver satisfeito e buscando das mais variadas maneiras.

A área de que estou falando, e que conheci numa das minhas primeiras incursões ao campo, localiza-se no Vale do Rio Pindaré-Mirim, no Estado do Maranhão. Esta região encontra-se dentro da chamada Pré-Amazônia, cortada pelos rios Pindaré, Zutiá, Grajaú e Mearim e pela Rodovia BR 316 (Belém-Brasília).

Um dos municípios que visitamos na Região foi o de Bom Jardim. Ele tem uma característica muito comum a outros municípios maranhenses, ou seja, possui um centro urbano, comercial e administrativo de pequeno porte e todo o resto de sua área é pontualmente ocupada por povoados distribuídos, às vezes, às margens dos rios ou então mais embrenhados na mata por causa da fuga do grilo, na busca de terra livre.

* Pós-graduanda no Dep. de Geografia, FFLCH/USP

A primeira vez que estive na região, o fiz através da Profª. Dra. Regina Sader a quem também agradeço a orientação e o carinho na elaboração desse artigo.

O acesso a Pedra de Areia é difícil e só se dá a pé, depois de uma longa caminhada. Na verdade, saímos da cidade de Bom Jardim com um carro dos técnicos da EMATER-MA que, aliás, foram muito atenciosos conosco, e depois de 4 km de percurso pela BR-316 seguimos caminhando, pelo meio da mata, por uma estrada, quase picada, até chegarmos ao nosso objetivo.

No povoado de Pedra de Areia, que é constituído por cerca de 18 famílias, a condição jurídica de propriedade da terra é diferente de alguns outros povoados que encontramos depois ou sobre os quais lemos alguma coisa. Dentre todas, 3 famílias possuem um documento que determina a posse da terra legalizada. Isso é raro ocorrer, pois o mais comum é que ninguém possua nenhum documento que assegure a permanência do grupo na área, a não ser a tradição e o direito de posse. O que, aliás, dá margem à ocorrência de grilagens, ao avanço da cerca da propriedade privada e a todas violências daí decorrentes.

Recentemente (há cerca de 2 anos), essas 3 famílias, possuidoras dos títulos de posse, doaram suas terras para o povoado. Não foi apurado se todo o seu direito de posse, ou apenas parte dele, permitiu a formação de uma roça comum com o apoio e a promessa de financiamento por parte da EMATER-MA.

O que se chama aqui de roça comum é o trabalho numa terra que pertence a todo o grupo, mas onde cada uma das famílias trabalha numa parte, ficando responsável pela sua produção e pelo seu sustento.

Devido ao acompanhamento sistemático do povoado que a EMATER-MA realiza, com vistas à aplicação de verbas do Projeto Nordeste na área, ela apresentou justamente a proposta que, para a liberação do crédito para plantio e financiamento para benfeitorias na área referentes a roças constituídas, estas deveriam ser comuns.

Assim, o povoado de Pedra de Areia possui a terra, já anteriormente concebida como elemento fundamental para a reprodução camponesa. No entanto, aguardava há um ano (até nossa passagem pela região em Janeiro/88) a liberação do crédito.

Ano de trabalho na construção do açude, da roça. Ano de espera por um crédito que não vem.

Isso significa que, além de propor uma nova lógica de organização do espaço e da produção, o Estado acabou por criar uma expectativa de benefícios que, pelo menos até onde se sabe, deixou muito a desejar.

A importância do que não se vê

Num outro olhar sobre o povoado de Pedra de Areia, encontramos um outro mundo.

Uma mulher que é uma liderança reconhecida numa sociedade machista tal como é configurada a sociedade rural maranhense; uma planta que é chamada de "Mamãe-Palmeira"; um conflito sangrento do qual pouco se fala, e veladamente, são elementos gritantes aos nossos olhos e que não se pode ignorar. Eles constituem o universo dessas pessoas, um universo simbólico, marcado pela história do lugar e das pessoas que nele habitam. (Ver BITTENCOURT, 1989)

Dona L. tem seu corpo castigado pelo raquitismo, que se evidencia nas pernas curvas e provavelmente fracas, não fosse a sua coragem. Seu corpo traz também outras marcas: marcas de quem foi presa por estar envolvida em conflito de terras, ameaçada pela polícia e transportada para São Luís. Seu corpo é quem fala da história daquele lugar.

Suas formas, suas palavras e seus silêncios nos contam a história dessas lutas na região. Ela é um mito vivo. Fala do Massacre do Pindaré², viva na área, conheceu Manoel da Conceição; mas o medo a impede de ser mais clara e falar mais.

Ela foi a primeira pessoa que nos falou da "Mamãe-Palmeira". Este nome carinhoso se refere à palmeira de babaçu, planta típica da região e fundamental na sobrevivência daquelas populações camponesas.

Desta planta se retira o palmito e o leite que servem para a alimentação do gado e das pessoas. Com a palha, se cobrem as casas e se constroem os mais variados artefatos e utensílios, desde cestos de todos os tamanhos até brinquedos para as crianças. Objetos que as pessoas confeccionam com o orgulho de quem domina uma técnica antiga e precisa, que conheceu todos os seus passos.

Do côco se retiram as sementes vendidas para as indústrias que deles fazem óleos. É dessa venda que se consegue ganhar algum dinheiro. Com a casca de côco se atiza o fogo que vai cozer o arroz e o peixe. (Ver SADER, 1986)

Por estes usos, e outros inúmeros que não estão aqui colocados por meu próprio desconhecimento, não é difícil perceber porque o babaçu está tão em alta conta entre os camponeses da região. Por outro lado, aqueles que querem dominar os homens e a terra do lugar, sabem que precisam dominar também as palmeiras de babaçu.

Por todos os significados que a palmeira-babaçu carrega e por toda a sua importância, não parece muito difícil compreender o que acontece quando as áreas de propriedade privada (geralmente griladas) se impõem pela

(Ver CONCEIÇÃO, 1986 , Manoel da Conceição é uma liderança rural do Estado do Maranhão, que participou de várias lutas pela terra e que, justamente por isso, terminou por sofrer torturas e prisões).

cerca que impede às mulheres a colheita e quebra do coco-babaçu, bem como a todos os outros usos aos quais a palmeira de destina.

Para que a coleta de babaçu continue acontecendo, homens e mulheres são obrigados a ultrapassar a cerca e se humilhar para pegar um côco que não é, por justiça, de quem lhe reclama a propriedade.

E, além da humilhação, virão o perigo de um tiro, de acusações de roubo, o estupro, a violência: é preciso roubar que é seu.

Dona L. nos falou também dos conflitos: coisa horrível, gente morta, a polícia; sem precisar direito locais, datas e nomes. Em sua história de vida estão os massacres. Os mais moços e os migrantes de outras regiões sabem do que houve pelo seu contar que, mais do que vivificar um mito, o faz também para que haja resistência por parte daqueles posseiros de Pedra de Areia e de outros povoados da região (que pode ser bastante grande, se delimitada enquanto áreas de conflito de terras).

A incidência de conflitos unirá este povoado com outro, o de Zé Buero, apesar das condições diversas.

Este povoado, ao contrário do primeiro, está às margens da BR-316, há poucos quilômetros do núcleo urbano de Bom jardim. Está neste lugar porque sua área foi atravessada pela construção da estrada que separou a área de moradia das áreas de plantio e reserva. Seguida à separação, veio a grilagem da área de plantio, e, com ela, a fome. O espaço contínuo e harmônico que consta ainda do imaginário daquele grupo está agora rompido, fragmentado. A estrada levou o grilo.

Lembram-se, com saudade, do tempo em que a área e a comida eram fartas, um tempo mítico e distante. Hoje, famintos e doentes, esses posseiros se desesperam por não encontrarem maneiras de obter seu sustento.

Uma possível solução seria a ocupação de sua própria terra, hoje grilada, nas épocas de plantio. No entanto, todas ocupações são acompanhadas de violentas intervenções policiais, gerando um grande medo.

Um espaço fragmentado seja pelo grilo, pela estrada, pelo conflito ou pela migração. Um mundo ameaçado e, ao mesmo tempo, resistente.

Como este mundo resiste?

Por que este mundo resiste?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- .BITTENCOURT, E. — Do direito de desejar: uma leitura da fala de mulheres camponesas no Maranhão. Caderno do CEAS. 120
CONCEIÇÃO, Manuel da (1986) — Essa terra é nossa. Petrópolis. Vozes.

SADER; Regina — Ser mulher e camponesa no Maranhão. Publ. IG-Depto. Geografia-FFLCH-USP

SADER, Regina (1986) — Espaço e luta no Bico do Papagaio. (Tese de Doutorado) - FFLCH-USP

RESUMO

A autora fala da importância dos mitos (terra, corpo, palmeira) num povoado do Vale de Pindaré-Mirim (MA) onde se travam violentas lutas pela propriedade da terra.

RÉSUMÉ

Cet article parle de l'importance des mythes (terre, palmier, corps) dans un village de la vallée du Pindarén-Mirim, ou la lutte pour la propriété foncière est toujours vivante avec toute la violence qu'y découle.